

## Consumo de Alimentos Ultraprocessados por Lactantes e Lactentes nas Cidades Brasileiras

### *Consumption of Ultra-Processed Foods by Breastfeeding Mothers and Infants in Brazilian Cities*

<https://doi.org/10.21727/rm.v17i1.5520>

**Roberta Braga Pasini Lucchetti**

Mestranda em Ciências da Nutrição, Universidade Federal Fluminense (UFF).

**Ana Beatriz FrancoSena**

Professora Doutora, Universidade Federal Fluminense (UFF).

**Jorge Luiz Lima da Silva**

Professor Doutor, Universidade Federal Fluminense (UFF).

e-mail de correspondência: robertabpl@id.uff.br

**Resumo:** O crescente consumo de alimentos ultraprocessados (AUP) no Brasil impacta na saúde materno-infantil. Este estudo analisou a produção científica recente sobre o consumo de AUP por lactantes e crianças menores de dois anos em diferentes regiões brasileiras. Realizou-se uma revisão integrativa (abril-maio/2025) nas bases SciELO, PubMed, Lilacs, Google Acadêmico e literatura cinzenta, selecionando nove estudos publicados entre 2015-2025. Os resultados indicam que o consumo de AUP está associado a fatores socioeconômicos, práticas alimentares inadequadas, desmame precoce e desigualdades regionais, com impactos negativos na saúde infantil e materna. Identificou-se escassez de pesquisas em determinadas localidades, destacando a necessidade de investigações locais para embasar políticas públicas de alimentação saudável. Conclui-se que o tema demanda estratégias intersetoriais para mitigar seus efeitos na primeira infância e no período de amamentação.

**Palavras-chave:** Alimentação complementar; Desmame precoce; Hábitos alimentares; Determinantes sociais; Políticas públicas de saúde.

**Abstract:** The increasing consumption of ultra-processed foods (UPF) in Brazil has an impact on maternal and child health. This study analyzed recent scientific production on UPF consumption by lactating women and children under two years of age in different Brazilian regions. An integrative review was conducted (April-May/2025) in the SciELO, PubMed, Lilacs, Google Scholar and gray literature databases, selecting nine studies published between 2015-2025. The results indicate that UPF consumption is associated with socioeconomic factors, inadequate feeding practices, early weaning and regional inequalities, with negative impacts on child and maternal health. A scarcity of research was identified in certain locations, highlighting the need for local investigations to support public policies on healthy eating. It is concluded that the topic demands intersectoral strategies to mitigate its effects on early childhood and the breastfeeding period.

**Keywords:** Complementary feeding; Early weaning; Eating habits; Social determinants; Public health policies.

Recebido em: 04/07/2025.

Aceito em: 09/03/2026.

**Como citar este artigo**

LUCCHETTI, R. B. P.; FRANCOSENA, A. B.; SILVA, J. L. L. da. Consumo de Alimentos Ultraprocessados por Lactantes e Lactentes nas Cidades Brasileiras. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 17, n. 1, p. 28-39, jan./abr., 2026.

**Introdução:**

O consumo crescente de alimentos ultraprocessados (AUP) tem sido um dos grandes desafios para a saúde pública no Brasil, um eixo crítico na transição nutricional, podendo impactar diretamente no estado nutricional e no aumento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) como obesidade, diabetes, câncer, alergias, doenças neurológicas e outras (Monteiro; Louzada, 2015; Louzada *et al.*, 2023).

Para compreender os riscos à saúde no consumo dos AUP, é essencial diferenciá-los do conceito de alimentos saudáveis, conforme descrito no Guia Alimentar para a População Brasileira (Brasil, 2014). O documento adota a classificação NOVA, que agrupa os alimentos de acordo com a extensão e o propósito do processamento a que o alimento se destina. No entanto, o Guia vai além dessa classificação, considerando também aspectos socioeconômicos e culturais, além dos nutricionais (Monteiro *et al.*, 2010; Brasil, 2014).

Nesse contexto, torna-se relevante compreender as características da alimentação consumida pela população, especialmente diante das mudanças no padrão alimentar, marcadas pelo crescente consumo de AUP. Embora esses produtos sejam práticos, acessíveis e de fácil disponibilidade, são ricos em aditivos químicos, açúcares e gorduras, componentes amplamente reconhecidos como prejudiciais à saúde e que deveriam ser evitados (Monteiro *et al.*, 2010).

Apesar de amplamente divulgados os malefícios causados pelo consumo desses produtos, a acessibilidade e a condição para a compra de alimentos mais saudáveis ou naturais por grande parte da população brasileira acaba sendo comprometida, pois a crescente demanda internacional por *commodities* agrícolas tem elevado as exportações brasileiras de alimentos *in natura* (como soja, café e carne), gerando pressão sobre os preços no mercado interno, com isso reduzindo o poder de compra de grande parte da população brasileira impactando na segurança alimentar (IBGE, 2020; Brasil de Fato, 2025).

Dentro desse contexto, considerando a prevalência atual no consumo de alimentos ultraprocessados (AUP) e seus efeitos na segurança alimentar e nutricional no Brasil, pesquisadores do NUPENS/USP desenvolveram uma importante ferramenta metodológica fundamentadas na Classificação NOVA, um questionário de 23 itens de ultraprocessados, compostos de subgrupos de AUP mais consumidos de acordo com inquéritos nacionais de consumo alimentar realizado na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE de 2008–2009, conhecido como Rastreador NOVA (Costa *et al.*, 2021). Esses instrumentos têm sido amplamente utilizados em estudos nacionais, permitindo análises consistentes sobre o padrão alimentar da população (Costa *et al.*, 2021; Louzada *et al.*, 2023).

Os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018 (IBGE, 2020), que aplicou essa classificação, evidenciam uma tendência crescente no consumo de AUP - produtos altamente industrializados e nutricionalmente desbalanceados. Segundo os resultados, o consumo desses produtos corresponde a 26,7% do total calórico entre adolescentes, 19,5% entre adultos e, em menor proporção, 15,1% entre idosos, revelando a presença desses produtos em todos os grupos etários, mas também padrões preocupantes de consumo, particularmente entre os mais jovens (IBGE, 2020).

Quando se trata de mulheres em período de amamentação (lactantes), é importante ressaltar que a alimentação materna, desde a gestação, influencia diretamente a composição nutricional do leite materno, podendo impactar o desenvolvimento do bebê que está sendo amamentado (lactente) até os 2 anos de idade ou mais (Soares *et al.*, 2022). Revela-se um cenário preocupante ao considerar os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018, que indicam que mulheres brasileiras consomem 20,3% no total de calorias vindas de alimentos ultraprocessados (AUP) (IBGE, 2020).

Da mesma forma, o Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (ENANI-2019) apresenta dados alarmantes sobre o padrão alimentar das crianças brasileiras. O estudo destaca que 24,7% da participação de energia em crianças de 0 a 59 meses de idade vieram do consumo de AUP (Brasil, 2021).

Outro dado preocupante é o consumo precoce de doces e açúcares, uma frequência observada em 66,8% das crianças nessa mesma faixa etária. Quando analisamos subgrupos com idade de 6 a 23 meses, período que esses produtos são categoricamente contraindicados, o consumo ainda atinge 60,6% das crianças. Na faixa etária de 24 a 59 meses o percentual ainda foi maior chegando a 82,5% (Brasil, 2021).

É importante compreender que se trata de dados nacionais, se formos analisar por regiões ou até mesmo por municípios podem haver diferenças de acordo com a singularidade como em: aspectos culturais, desigualdades socioeconômicas e políticas públicas regionais (Brasil, 2021).

Sendo assim este estudo parte do pressuposto de que o consumo de alimentos ultraprocessados (AUP) pode levar a condições precárias de saúde e ao desenvolvimento de doenças crônicas, como diabetes, dislipidemias, obesidade e outras. Especificamente no período gestacional, e também após o parto, a alimentação materna rica em ultraprocessados pode afetar a saúde do binômio mãe-bebê, influenciando desde a programação fetal até a qualidade do leite materno e a formação dos hábitos alimentares da criança (Monteiro; Louzada, 2015).

Nas diversas cidades brasileiras diferentes fatores podem estar associados ao consumo de AUP por lactantes e lactentes, sendo necessário explorar estratégias de intervenção que possam promover a alimentação saudável, considerando especificidades da população em questão. Políticas públicas voltadas à educação nutricional, podem ser direcionadas para esse público de mulheres reduzindo o consumo desse tipo de alimento e ao mesmo tempo reduzindo o risco à saúde materno-infantil.

Diante da diversidade de cenários e da complexidade dos determinantes do consumo de AUP, investigar esses fatores no contexto municipal brasileiro torna-se uma tarefa relevante. O presente estudo objetiva analisar a produção científica sobre o consumo de alimentos ultraprocessados por lactantes e lactentes nas cidades brasileiras. analisar a produção científica sobre o consumo de alimentos ultraprocessados por lactantes e lactentes nas cidades do Brasil. A atual falta de sistematização do conhecimento dificulta a elaboração de estratégias de educação nutricional mais efetivas para essa população.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

### **Tipo de pesquisa**

Trata-se de um estudo descritivo, desenvolvido por meio de uma revisão integrativa da literatura, fundamentada no modelo metodológico proposto por Whitemore e Knafl (2005). Essa abordagem possibilita a síntese de estudos com diferentes delineamentos metodológicos, permitindo uma compreensão abrangente do fenômeno investigado. A revisão foi conduzida em cinco etapas: formulação do problema, busca na literatura, avaliação dos dados, análise e síntese dos dados e apresentação dos resultados.

### **Busca nas bases eletrônicas**

Foram consultadas as bases científicas SciELO, PubMed, Lilacs, bem como o Google Acadêmico e fontes de literatura cinzenta. A busca foi realizada com base nos títulos, autores, resumos e desfechos dos estudos, conforme a indexação em suas respectivas bases eletrônicas.

### Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: publicações entre os anos de 2015 e 2025, nos idiomas português, inglês e espanhol; estudos envolvendo lactentes (crianças de até dois anos de idade) e/ou lactantes (mães em fase de amamentação); e diferentes delineamentos metodológicos, incluindo estudos qualitativos, quantitativos, revisões sistemáticas ou estudos mistos, realizados no Brasil.

Além dos estudos que abordam diretamente o consumo de alimentos ultraprocessados (AUP) por lactantes e lactentes, também foram incluídas pesquisas que tratam de práticas alimentares inadequadas na primeira infância. Entre elas, destacam-se a introdução precoce de alimentos não recomendados e o desmame antes do período indicado pelo Ministério da Saúde, por sua possível associação com o consumo de AUP e seus impactos na saúde infantil.

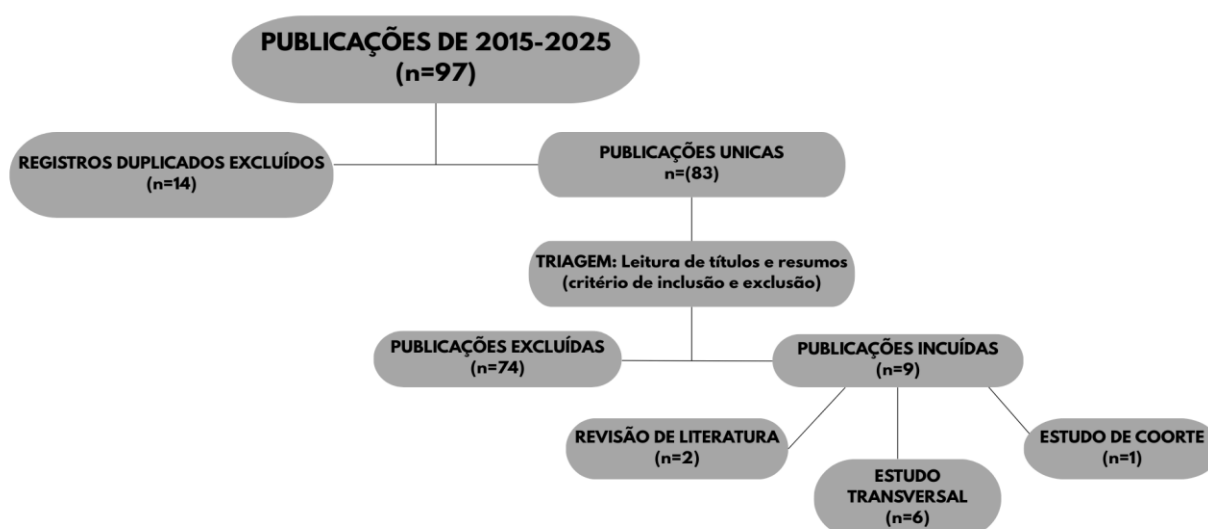
Para garantir a comparabilidade foram excluídos relatos de casos e estudos com crianças maiores de dois anos.

### Coleta e análise textual

A busca nas bases eletrônicas ocorreu entre os meses de abril e maio de 2025, utilizando-se os seguintes descritores e termos-chave combinados por operadores booleanos (AND e OR): “ultraprocessados”, “lactente”, “lactante”, “alimentação complementar”, “alimentos processados”, “primeira infância”, “amamentação” e “introdução alimentar”.

Foram identificadas 97 publicações na busca inicial, por meio da combinação dos descritores com operadores booleanos. Após a exclusão de 14 registros duplicados — títulos idênticos de um mesmo autor encontrados em diferentes bases eletrônicas— restaram 83 publicações. A partir da leitura dos títulos, resumos e, quando necessário, do texto completo, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. Nove estudos atenderam a todos os critérios estabelecidos, e foram considerados qualificados para compor esta revisão (Figura 1).

**Figura 1: Busca e seleção de publicações (2015-2025)**



A análise dos dados ocorrerá de forma descritiva, por meio de síntese narrativa das evidências. Os principais achados foram categorizados de acordo com sua relevância para os objetivos da pesquisa, contemplando os seguintes eixos: consumo materno de AUP, desmame precoce (antes dos seis meses), nutrição infantil, contextos regionais e estratégias de enfrentamento.

## RESULTADOS

As bases eletrônicas utilizadas nesta revisão compreendem publicações dos últimos dez anos, ou seja, de 2015 a 2025. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram descartadas as publicações dos anos de 2016, 2017, 2018, 2024 e 2025. Os anos com maior número de estudos incluídos foram 2021, com três publicações, e 2022, com duas, sendo excluídos 74 estudos e incluídos 9.

Desses nove estudos incluídos neste estudo, dois são de revisão de literatura, seis são estudos transversais e um estudo de coorte.

Foram observadas cinco categorias que se associam aos objetivos desse artigo que são: consumo materno de AUP, desmame precoce, nutrição infantil, contextos regionais e estratégias de enfrentamento (Tabela 1).

**Tabela 1: Distribuição dos estudos revisados segundo categorias temáticas sobre consumo de AUP em lactantes e lactentes no Brasil.**

CATEGORIAS	Referências
<b>Consumo materno de AUP</b>	Soares M.M. <i>et al.</i> ; Pereira, A.M. <i>et al.</i> ; Sousa J.M.; Lopes, W.C. <i>et al.</i> (4 estudos)
<b>Desmame precoce</b>	Schincaglia, R. M. <i>et al.</i> ; Porto, J. P. <i>et al.</i> ; Lubachevesk e Martins; Lopes, W. C. <i>et al.</i> (4 estudos)
<b>Nutrição infantil</b>	Todos os estudos envolvidos
<b>Contextos regionais</b>	Soares M.M. <i>et al.</i> ; Porto, J. P. <i>et al.</i> ; Pereira <i>et al.</i> ; Sousa J.M.; Lopes, W. C. <i>et al.</i> ; Giesta J.M. <i>et al.</i> (6 estudos)
<b>Estratégias de enfrentamento</b>	Soares M.M. <i>et al.</i> ; Porto, J. P. <i>et al.</i> ; Pereira <i>et al.</i> ; Lubachevesk e Martins; Sousa J.M.; Giesta J.M. <i>et al.</i> (6 estudos)

1. As características principais desses estudos estão apresentadas, de forma resumida, no Quadro 1.

**Quadro 1: Distribuição dos estudos selecionados segundo autores, ano de publicação, título e bases eletrônicas de 2015 a 2025.**

Autor/Ano/ano de Publicação	Título/Objetivo do estudo	Bases eletrônicas	Tipo de Estudo e Análise por categoria	Resultados e Conclusão
Lopes, W. C. <i>et al.</i> 2020.	Consumo de alimentos ultraprocessados por crianças menores de 24 meses de idade e fatores associados. Objetivo: Realizar uma revisão sistemática de estudos que investigaram a influência do consumo de alimentos ultraprocessados (AUP) na gestação nas medidas antropométricas do recém-nascido até um ano de idade.	Scielo	Transversal de base populacional com coleta de dados domiciliar. <b>Desmame precoce e Nutrição infantil e Contexto regional (3 categorias)</b>	Consumo de AUP em crianças menores de 24 meses. / <b>Montes Claros (MG)</b> . Domicílios com número menor de moradores e cuidadores sem ser a mãe. E crianças que não faziam mais consumo do leite materno tinham maior consumo deste produto.
Nascimento, G. H. C. DO <i>et al.</i> 2021.	A influência do aleitamento materno para o desenvolvimento da criança. <b>Objetivo:</b> objetivo mostrar a influência do aleitamento materno exclusivo para o crescimento e desenvolvimento da criança, mostrar para as mães que não há outro alimento melhor e nutritivo que substitua o leite materno, sendo ele completo nutricionalmente, prevenindo a criança de ter alergias e infecções respiratórias.	Google Acadêmico	Revisão bibliográfica descritiva da literatura. <b>Nutrição infantil (1 categoria)</b>	Crianças amamentadas exclusivamente até os seis meses de vida tiveram melhor desenvolvimento que as não amamentadas. Introdução de fórmulas infantis e outros alimentos na dieta do lactente pode levar a criança ao déficit nutricional e ao desenvolvimento de doenças.
Lubacheveski, Kézia Maciel; MARTINS, Elton Lubacheveski. 2021.	A importância da amamentação e os fatores que desencadeiam o desmame precoce. Objetivo: Salientar as vantagens do aleitamento materno, visando seus benefícios e os fatores que podem desencadear o desmame precoce.	Google Acadêmico	Revisão de literatura <b>Nutrição infantil e Estratégia de enfrentamento (2 categorias).</b>	Vários são os fatores que podem influenciar de na prática do aleitamento materno como: a baixa escolaridade, faixa etária, problemas mamários além da carência de informações sobre a importância de se amamentar. Importância do aleitamento materno, bem como a capacitação dos profissionais de saúde no incentivo materno ao aleitamento através de orientações e também na melhoria de políticas públicas.

<p>Pereira, A. M. <i>et al.</i>, 2022</p>	<p>Ultra-processed food consumption by children from a Pelotas Birth Cohort. OBJETIVO: Avaliar o consumo regular de alimentos ultraprocessados por crianças aos 24 meses de idade da Coorte de Nascimentos de Pelotas de 2015 e os principais fatores demográficos, socioeconômicos e comportamentais relacionados ao consumo desses produtos.</p>	<p>Pubmed</p>	<p>Estudo Transversal realizado a partir de coorte/RS.  <b>Nutrição infantil/ consumo materno de AUP, Contexto regional e Estratégia de enfrentamento (4 categorias).</b></p>	<p>O risco de consumo desses alimentos foi maior entre crianças de famílias de menor posição socioeconômica, filhas de mães de baixa escolaridade, de cor da pele preta, mais jovens e de baixa renda. /Pelotas (RS). Fala da importância de orientação nutricional baseada em estratégias e nos Guias Alimentares como embasamento da promoção da alimentação saudável, principalmente com mães de menor escolaridade, baixa renda e jovens.</p>
<p>Porto, J. P. <i>et al.</i>, 2021</p>	<p>Aleitamento materno exclusivo e introdução de alimentos ultraprocessados no primeiro ano de vida. O objetivo do presente estudo foi analisar a associação entre aleitamento materno exclusivo e a introdução de alimentos ultraprocessados em crianças menores de 12 meses.</p>	<p>Scielo</p>	<p>Estudo de coorte no sudoeste da Bahia.  <b>Desmame precoce, Nutrição infantil, Contexto regional, Estratégia de enfrentamento (4 categorias).</b></p>	<p>O AME por menos de 180 dias aumentou o risco de introdução de quatro ou mais alimentos ultraprocessados no primeiro ano de vida. /Vitória da Conquista (Bahia). A interrupção do AME e a oferta de ultraprocessados, sendo necessária melhor comunicação utilizadas por profissionais de saúde para os pais e cuidadores.</p>
<p>Schincaglia, R. M. <i>et al.</i>, 2015.</p>	<p>Práticas alimentares e fatores associados à introdução precoce da alimentação complementar entre crianças menores de seis meses na região noroeste de Goiânia. OBJETIVO: analisar as práticas alimentares e fatores associados à introdução precoce da alimentação complementar entre crianças menores de seis meses, nascidas em maternidade na região noroeste de Goiânia, Goiás, Brasil.</p>	<p>Scielo</p>	<p>Estudo transversal <b>Desmame precoce, Nutrição infantil e Contexto regional (2 categorias)</b></p>	<p>A prevalência da introdução precoce da alimentação complementar foi elevada, associada a fatores ambientais e gestacionais. Sugerindo entrada precoce de alimentos inadequados./ Goiânia (GO). Destacando que é essencial a consolidação da Política Nacional de Alimentação e Nutrição no Sistema Único de Saúde, fundamentada na promoção da alimentação adequada e saudável, mas não especifica a estratégia como seria possível.</p>
<p>Soares, M. M. <i>et al.</i>, 2022</p>	<p>Características maternas e infantis correlacionadas à frequência do consumo de alimentos ultraprocessados por crianças de 6 a 24 meses. Objetivos: verificar a correlação do consumo de alimentos ultraprocessados de mães e filhos menores de dois anos de idade e as principais características</p>	<p>Scielo</p>	<p>Estudo transversal <b>Nutrição infantil/consumo materno de AUP , Contexto regional e Estratégias de enfrentamento (4 categorias)</b></p>	<p>O consumo de ultraprocessados pelas crianças se assemelha ao das mães e correlacionase com maiores valores dos índices peso/idade e índice de massa corporal/idade. /Viçosa (MG). Ressalta-se a presença de ações de esclarecimento e promoção da conscientização de pais e familiares sobre os riscos da introdução de alimentos</p>

	relacionadas a este consumo.			ultraprocessados na alimentação da criança menor de dois anos.
Giesta, Juliana Mariante <i>et al.</i> , 2019	Fatores associados à introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos. O objetivo deste artigo é verificar a associação entre fatores maternos e antropométricos e o consumo de alimentos ultraprocessados em crianças de 4 a 24 meses de idade.	Scielo	Estudo Transversal <b>Nutrição infantil / Contexto regional e estratégias de enfrentamento (3 categorias)</b>	Verificou-se que apenas 21% das crianças ainda não haviam recebido nenhum tipo de alimento ultraprocessado, sendo que 56.5% receberam algum destes alimentos antes dos seis meses. / <b>Porto Alegre (RS)</b>
Sousa, Juliana Morais de., 2023.	Associação entre consumo materno de alimentos ultraprocessados, práticas alimentares e estado nutricional em lactentes menores de 6 meses.	Literatura cinzenta Dissertação (Repositório da UFRN)	Estudo Transversal <b>Consumo materno de AUP, Nutrição Infantil, Estratégias de enfrentamento e Categorias regionais (4 Categorias).</b>	Os achados demonstram que o consumo de AUP durante a lactação está associado a desvios nutricionais dos lactentes amamentados, incluindo falhas no crescimento e desenvolvimento de DCNTs na fase adulta. / <b>Natal (RN).</b>

## DISCUSSÃO

Os estudos incluídos nesta revisão analisaram a associação entre o consumo de alimentos ultraprocessados por lactantes e lactentes, desmame precoce, os contextos regionais e possíveis estratégias para melhorar a qualidade do consumo alimentar na primeira infância de forma categorizada. Ainda pensando nessas categorias foi observado subcategorias, pertinentes ao tema que envolve acessibilidade ao alimento in natura ou minimamente processado, fatores econômicos, sociais e culturais envolvidos, escolaridade materna e número de pessoas por domicílio, aspectos que poderão ser explorados em maior profundidade em futuras investigações.

Estudo de coorte, realizado na Bahia, e o transversal conduzido em Pelotas/RS, apesar de metodologicamente distintos, avaliaram crianças de 12 a 24 meses de idade, correlacionando o risco de consumo de AUP com a interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo, antes dos seis meses. Também relatam outros fatores que podem estar associados à introdução precoce desses produtos na alimentação infantil, como aspectos socioeconômicos, nível de escolaridade, fatores culturais e ambientais (Pereira *et al.*, 2022; Porto *et al.*, 2021).

Adicionalmente, outras pesquisas reforçam os impactos negativos do desmame precoce na saúde infantil (Lubacheveski; Martins, 2021; Schincaglia *et al.*, 2015). Embora não enfoquem especificamente o consumo de AUP, essas análises sugerem que a introdução precoce de uma alimentação inadequada — como a oferta de outros alimentos antes dos seis meses — pode

comprometer o desenvolvimento das crianças. Essa preocupação se alinha aos achados de estudos realizados em Pelotas/RS e Salvador/BA, que associam práticas alimentares inadequadas na primeira infância à ausência de aleitamento materno exclusivo, destacando, inclusive, a possível introdução de produtos prejudiciais à saúde infantil, como os AUP (Pereira *et al.*, 2022; Porto *et al.*, 2021).

Com essa mesma preocupação, duas revisões de literatura presentes no Quadro 1 (Lubacheveski, Martins, 2021; Nascimento, 2021) abordam qualitativamente a importância do aleitamento materno. Os achados corroboram com as recomendações tanto do *Guia Alimentar para Crianças Brasileiras Menores de Dois Anos* (Brasil, 2019) quanto da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2020), que preconizam o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade e sua continuidade durante a introdução alimentar.

Pensando no momento da introdução alimentar, dois aspectos preocupantes são quando o mesmo acontece de forma antecipada junto a um desmame precoce e quando os hábitos alimentares maternos inadequados repercutem na alimentação infantil. Estudos indicam que a oferta de alimentos altamente calóricos e com baixo valor nutricional nos primeiros anos de vida está associada ao risco de obesidade infantil e seus efeitos a longo prazo (Nascimento *et al.*, 2021).

Nesse mesmo contexto, outros autores evidenciam uma possível transmissão intergeracional de padrões alimentares inadequados, ao relacionar o consumo materno de alimentos ultraprocessados (AUP) com impactos nos parâmetros antropométricos da díade mãe-filho, sugerindo uma possível transmissão intergeracional de padrões alimentares inadequados (Soares *et al.*, 2022).

Avançando nessa discussão, Sousa *et al.* (2023) ampliam o escopo da análise ao investigar não apenas a contribuição calórica dos AUP na dieta materna, mas também os determinantes socioeconômicos, culturais e ambientais que influenciam sua introdução na alimentação infantil. Seus resultados reforçam que o consumo de AUP na primeira infância não é um fenômeno isolado, mas sim influenciado por múltiplos fatores extrínsecos, incluindo dificuldades no acesso a alimentos frescos, nível educacional e contexto familiar.

Os dados de estudos populacionais corroboram esse panorama de forma clara. Por exemplo, uma pesquisa transversal em Montes Claros (MG) com 545 crianças mostrou a alta frequência de consumo de AUP na primeira infância: bebidas açucaradas (refrigerantes e sucos em pó reconstituídos) eram comuns, e, entre crianças acima de um ano, 60% consumiam achocolatados e guloseimas, enquanto 40% ingeriam salgados de pacote e biscoitos (Lopes *et al.*, 2020). Embora não utilize a nomenclatura NOVA, o estudo descreve alimentos típicos dessa categoria, evidenciando sua presença na alimentação infantil mesmo em contextos urbanos específicos.

Esse comportamento alimentar nos faz refletir sobre o conhecimento materno do que vem a ser uma alimentação adequada a ser oferecida ao bebê além de trazer, conforme os estudos relatados, outro questionamento sobre o motivo que leva a introdução precoce de AUP na alimentação de crianças menores de dois anos. Por isso é importante investir em ações de educação alimentar e nutricional voltadas para as mães e cuidadores, como estratégia para reduzir ou atrasar a introdução de AUP e promover uma alimentação mais adequada e saudável desde os primeiros anos de vida (Giesta *et al.*, 2019).

Nesse sentido os Guias alimentares são promotores de conhecimento do que vem a ser uma alimentação mais saudável contribuindo para embasar propostas de educação nutricional (Brasil, 2014, Brasil, 2019), outras ações governamentais como a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) também podem servir de referências na busca de formas que auxiliem na orientação materna com relação às boas escolhas dos alimentos para seus filhos bem como para toda a família evitando a insegurança alimentar e suas consequências para todas as gerações.

Saindo do âmbito familiar para entender como isso acontece de forma macro, analisou-se também o contexto das grandes metrópoles brasileiras, trazendo as transformações socioeconômicas contemporâneas - marcadas pela maior inserção feminina no mercado de trabalho e pela escassez de

tempo para o preparo de refeições - o quanto isso favorece a incorporação de alimentos prontos no cotidiano familiar, sendo que nem sempre o cuidador da criança é a mãe (Lopes *et al.*, 2020). Esse cenário, associado ao recente encarecimento dos alimentos in natura e minimamente processados (Brasil, 2021), configura um quadro preocupante de transição nutricional, caracterizado pela dupla carga de má nutrição: insegurança alimentar associada ao crescimento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT).

Os autores destacam a relevância de tais achados para a reformulação de políticas públicas, sugerindo a necessidade de aprimorar tanto as ações educativas baseadas nos Guias Alimentares do Ministério da Saúde quanto às estratégias regulatórias para redução do consumo desses produtos (Brasil, 2014).

Este estudo apresenta como principal limitação a escassez de pesquisas comparativas sobre o consumo de alimentos ultraprocessados (AUP) por lactantes e lactentes em diferentes regiões brasileiras, que adotem critérios metodológicos equivalentes. Essa lacuna no conhecimento científico restringe a capacidade de comparação inter-regional, dificulta a contextualização dos achados em um panorama nacional mais amplo, e limita a generalização dos resultados. Principalmente por que há diferenças regionais no Brasil com relação aos padrões alimentares, no acesso a serviços de saúde, disponibilidade de alimentos in natura e aspectos sócio econômicos, podendo afetar os resultados observados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos achados desta revisão, pode-se confirmar que a introdução precoce de AUP na alimentação infantil é uma realidade preocupante no Brasil.

A presente revisão integrativa possibilitou analisar a produção científica nacional sobre o consumo de AUP por lactantes e lactentes nas cidades brasileiras, evidenciando a relevância do tema para a saúde pública, especialmente no que se refere à promoção da alimentação adequada e saudável na primeira infância.

Os nove estudos selecionados contribuíram para concluir que o consumo de AUP na primeira infância é um fenômeno prevalente e multifatorial. Estes estudos evidenciaram alta frequência de consumo de itens como bebidas açucaradas, achocolatados, guloseimas e salgados de pacote entre crianças menores de dois anos. Itens não condizentes com as recomendações tanto do Guia Alimentar para Crianças Brasileiras Menores de Dois Anos (Brasil, 2019) quanto da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2020), sendo influenciado por fatores como: desmame precoce, hábitos maternos, determinantes sócio econômicos e contextos regionais e urbanos.

Os estudos presentes nessa revisão indicaram estratégias centrais para o enfrentamento ao consumo de AUP por meio de: educação alimentar e nutricional para pais e cuidadores, capacitação de profissionais de saúde e fortalecimento de políticas públicas, além da necessidade de se criar ambientes alimentares mais saudáveis

Diante aos diversos fatores que influenciam o contexto familiar e hábitos alimentares, faz-se necessária a realização de novas pesquisas que considerem as especificidades regionais, com foco na integração às políticas públicas existentes. Tais investigações devem subsidiar iniciativas que contribuam para o enfrentamento da má nutrição e para a garantia do direito à alimentação saudável em todas as fases da vida.

## Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

## REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_alimentar\\_populacao\\_brasileira\\_2ed.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf). Acesso em: 31 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-quero-me-alimentar-melhor/Documentos/pdf/guia-alimentar-para-criancas-brasileiras-menores-de-2-anos.pdf/view>. Acesso em: 21 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. **ENANI 2019: Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil – Relatório 8: Consumo alimentar entre crianças brasileiras com idade de 6 a 59 meses**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://enani.nutricao.ufrj.br/download/relatorio-8-consumo-alimentar-de-criancas-menores-de-5-anos/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BRASIL DE FATO. **Agricultura voltada à exportação transforma a comida em vilã da inflação no Brasil**. Brasil de Fato, 21 fev. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/02/21/agricultura-voltada-a-exportacao-transforma-a-comida-em-vila-da-inflacao-no-brasil/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

COSTA, C. dos S. *et al.* Escore Nova de consumo de alimentos ultraprocessados: descrição e avaliação de desempenho no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 55, p. 13, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/h6V9jnYHPmG6cLDMBQVy8xM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2025.

DO NASCIMENTO, Glaube Hadassa Coelho *et al.* A influência do aleitamento materno para o desenvolvimento da criança. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. e277101422184-e277101422184, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22184>. Acesso em: 15 abr. 2025.

GUESTA, J. M. *et al.* Fatores associados à introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 2387-2397, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2019.v24n7/2387-2397/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018: avaliação nutricional da disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101742>. Acesso em: 29 jan. 2025.

LOPES, Wanessa Casteluber *et al.* Consumo de alimentos ultraprocessados por crianças menores de 24 meses de idade e fatores associados. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 38, e2018277, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/kFndBzThszpPyXRYvtFBzJc/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2025.

LOUZADA, M. L. da C. *et al.* Consumo de alimentos ultraprocessados no Brasil: distribuição e evolução temporal 2008–2018. **Revista de Saúde Pública**, v. 57, p. 12, 2023. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rsp/2023.v57/12/pt/> Acesso em 20 mar. 2025.

LUBACHEVESKI, Kézia Maciel; MARTINS, Elton Lubacheveski. A importância da amamentação e os fatores que desencadeiam o desmame precoce: revisão da literatura. **Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu**, v. 1, n. 4, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/rescx/article/view/4208>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MONTEIRO, C. A. *et al.* Uma nova classificação de alimentos baseada na extensão e propósito do seu processamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, p. 2039-2049, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/fQWy8tBbJkMFhGq6gPzsGkb/abstract/?lang=pt&format=html> Acesso em: 20 de mar. 2025

MONTEIRO, C. A.; LOUZADA, M. L. da C. Ultraprocessamento de alimentos e doenças crônicas não transmissíveis: implicações para políticas públicas. In: NOGUEIRA, R. P. *et al.* (org.). **Observatório internacional de capacidades humanas, desenvolvimento e políticas públicas: estudos e análises 2**. Brasília: [s.n.], 2015. p. 118-128 Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-833070>. Acesso em: 16 abr. 2025.

PEREIRA, Anna Müller *et al.* Ultra-processed food consumption by children from a Pelotas Birth Cohort. **Revista de Saúde Pública**, v. 56, p. 79, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36043657/> Acesso em: 10 abr. 2025.

PORTO, Jessica Prates *et al.* Aleitamento materno exclusivo e introdução de alimentos ultraprocessados no primeiro ano de vida: estudo de coorte no sudoeste da Bahia, 2018. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, p. e2020614, 2021. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/ress/2021.v30n2/e2020614/pt/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SCHINCAGLIA, Raquel Machado *et al.* Práticas alimentares e fatores associados à introdução precoce da alimentação complementar entre crianças menores de seis meses na região noroeste de Goiânia. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, p. 465-474, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/ZnpDh6cxmtbvWjWzwJXzWfQ/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

SOARES, M. M. *et al.* Características maternas e infantis correlacionadas à frequência do consumo de alimentos ultraprocessados por crianças de 6 a 24 meses. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 22, p. 365–373, 5 ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/nMnFYQxCvC5MvF6KYbZskBt/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SOUSA, Juliana Morais de. **Associação entre consumo materno de alimentos ultraprocessados, práticas alimentares e estado nutricional em lactentes menores de 6 meses**. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/items/879d3b31-8073-4350-900d-f1bca26102a7>. Acesso em: 15 de mai. 2025.

WHO. **World Breastfeeding Week 2020 Message**. Genebra: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/31-07-2020-world-breastfeeding-week-2020-message>. Acesso em: 16 jan. 2025.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/J.1365-2648.2005.03621.X>. Acesso em: 16 jan. 2025.